

O trabalho com dicionários em sala de aula: relato de uma contribuição para a formação docente em lexicografia

*Dictionary use in the classroom:
a report on a contribution to teacher training in lexicography*

Rosane Maria BOLZAN*
Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC)

Adja Balbino de Amorim Barbieri DURÃO**
Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

RESUMO: O professor desempenha um papel fundamental na mediação entre dicionários e consulentes para a expansão dos conhecimentos de seus alunos. Neste artigo, relata-se uma experiência pela qual se objetivou capacitar professores no campo da Lexicografia, viabilizando um curso de formação nessa área no município de Garopaba/SC. Com o propósito de descobrir o perfil dos docentes e seus conhecimentos sobre dicionários, utilizaram-se questionários escritos como instrumentos de coleta de dados. O resultado demonstrou que as obras lexicográficas são subutilizadas, que não há acervo suficiente para realizar um trabalho apropriado em sala de aula, que não há tipos de dicionários adequados a seus usuários e também que os dicionários são obras desconhecidas da maior parte dos professores quanto ao seu potencial e características. Preconiza-se um investimento na formação de professores em Lexicografia, haja vista a realidade encontrada nesse grupo de professores participantes do curso sobre uso de dicionários em sala de aula.

PALAVRAS-CHAVE: Lexicografia. Dicionários. Formação docente.

ABSTRACT: The teacher plays a key-role in mediating access to dictionaries by consultants in order to expand the students' knowledge. This paper discusses experiences from a course offered to teachers in the city of Garopaba/SC aiming to train them in Lexicography. In the beginning of the course, written questionnaires were used as instruments to collect data concerning their profile and knowledge about dictionaries. The result showed that the lexicographical works are underutilized; that there are not enough lexicographical collections to realize an adequate job in classrooms, that the available types of dictionaries are not suitable for their users, and also that dictionaries are unknown to most teachers regarding their characteristics and potential for use in classrooms. This study also revealed the need to invest in teacher training in Lexicography, given the reality found in the group of local teachers who took the course.

KEYWORDS: Lexicography. Dictionaries. Teacher training.

* Doutorado em Estudos da Linguagem; docente no Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC), Área de Cultura Geral (Linguagens, Códigos e suas Tecnologias), São José – SC – Brasil. Email: rosanebolzan@yahoo.com.br.

** Doutorado em Linguística; bolsista de Produtividade em Pesquisa /CNPq e docente na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Departamento de Língua e Literatura Estrangeiras, Programa de Pós-Graduação em Linguística e Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução. Florianópolis – SC – Brasil. Email: adjabalbino@gmail.com.

Introdução

No Ensino Fundamental, no Ensino Médio e, também, no Ensino Superior, ouve-se falar da importância de se consultar dicionários para sanar dificuldades ou dúvidas. Ouve-se, também, que os dicionários são úteis e que é preciso modelá-los para se obter informações precisas na compreensão leitora e na produção escrita, entre outras possibilidades. Entretanto, não há quem não tenha vivido a angústia de perceber o potencial desse tipo de obra se dissipar no uso enfadonho, repetitivo e nada desafiador que se costuma fazer dele em sala de aula, quando seu uso restringe-se à procura esporádica de vocábulos desconhecidos, a consultas de alguns poucos minutos ou à mera busca pela confirmação da grafia de palavras. Nas palavras de Maldonado (2008, p. 10), é possível reverter esse quadro:

Estamos convencidos de que o dicionário é a ferramenta perfeita para aprender o procedimento da consulta [...]. [...] defendemos que o uso do dicionário é muito mais que o manejo de um livro cujos conteúdos estão ordenados alfabeticamente; e propomos que o uso do dicionário pode supor para o aluno o descobrimento das estratégias adequadas não somente para resolver as dúvidas que se apresentam, mas, sobretudo, para adquirir consciência da necessidade de um uso responsável da língua. (Tradução nossa)

Partilha-se dessa opinião, considerando que o uso do dicionário em sala de aula pode se constituir como fonte de desenvolvimento integral do aluno. Para que esse manejo possa ser eficaz em sala de aula, o primeiro passo é sua escolha acertada. Os pais costumam comprar um só dicionário para toda a vida escolar de seus filhos, supondo que servirá para sanar qualquer tipo de dúvida. A esse respeito, Maldonado (2008, p. 12) pensa que:

[...] deveria ser evidente também que os alunos do Primário têm necessidades diferentes dos alunos do Secundário e Bacharelado em relação à consulta do dicionário, e que, como os primeiros necessitam de um dicionário básico de iniciação, em seu processo de crescimento, o aluno deve trocar o dicionário quando a idade – e as *novas necessidades de consulta* forjadas com esta – assim o requerem. (Grifo da autora, tradução nossa)

Assim, estudantes de Ensino Fundamental precisam ter um dicionário básico e estudantes de Ensino Médio e Ensino Superior precisam de dicionários que ofereçam informações mais amplas.

Um dicionário que tenha trinta anos, como é óbvio, estará defasado em relação ao vocabulário corrente de um dicionário elaborado nos últimos anos. Por exemplo, em dicionários antigos não se costumam encontrar estrangeirismos como, por exemplo, *jogging, deletar, site, delivery, web, wireless*, muito usados nos mais diversos meios de comunicação falados e escritos. Foi esta a constatação que fez Samuel Johnson, um lexicógrafo do século XVIII, no prefácio de seu *Dictionary of the English Language* (apud AITCHISON, 2003, p. 11) ao afirmar que: “Nenhum dicionário de língua viva pode ser perfeito, pois enquanto ele está se apressando para ser publicado, algumas palavras estão brotando e algumas estão desaparecendo” (Tradução nossa).

O tempo afeta os dicionários no que se refere à seleção do léxico de cada época, o que remete para problemas que perturbam e desanimam os consulentes quando fazem suas consultas e não encontram o que procuram. Podem-se citar inúmeros vocábulos ininteligíveis que entram na vida dos consulentes, palavras que os alunos nunca ouviram ou viram escritas fora dos dicionários. Em relação a esse aspecto, Hartmann (2001, p. 4)

assinala que os dicionários “[...] não existem no vácuo, mas são produzidos e usados no contexto que pode variar consideravelmente através do espaço e ao longo do tempo” (tradução nossa), isto é, nem sempre um dicionário conterá o que se procura, exatamente porque a seleção de seus lemas é feita de acordo com a época em que foi produzido. Sobre essa questão, Maldonado (2008, p. 13) lembra que “Existem muitos dicionários diferentes. E todos são úteis, mas... somente se os empregarmos para buscar o que cada um deles pode nos oferecer. Dificilmente encontraremos em um mesmo dicionário a solução a todas as nossas dúvidas.” (Tradução nossa)

Dependendo de seus interesses, os consulentes necessitam de dicionários distintos. Existem diferentes tipos de dicionários que resultam de propostas lexicográficas igualmente variadas, as quais dão respostas diversas para problemas também diversos. Hartmann e James (1998, p. IX) ratificam essa ideia:

Um dos principais avanços na lexicografia nos últimos anos foi o foco na perspectiva do usuário, ou seja, a compreensão de que os diferentes usuários têm razões diferentes para usar um dicionário e que o dicionário pode e deve atender a elas. Ao mesmo tempo em que os dicionários costumemente tentaram satisfazer todas as necessidades percebidas de uma classe ampla de usuários, houve pouca atenção às necessidades específicas de pequenos grupos ou de indivíduos ou ao fato de que usuários diferem em suas necessidades dependendo do contexto imediato do uso do dicionário. (Tradução nossa)

O governo brasileiro tem-se preocupado com os resultados de alguns testes realizados a nível nacional e internacional, como a Prova Brasil e o Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (*Project for International Student Assessment*), o PISA. Um teste aplicado pelo MEC, em parceria com o Instituto Alfa e Beto, em 2009, com o objetivo de avaliar o nível de escrita de 338 mil alunos do 2º ao 5º anos de 350 municípios de menor Ideb (Índice de desenvolvimento da Educação Básica), em 25 estados da Federação, teve como resultado o fato de que mais de 70% dos alunos avaliados foram considerados analfabetos, independentemente da série na qual estavam matriculados (86% analfabetos no 2º ano, 75% no 3º, 61% no 4º e 50% no 5º ano). Esses dados alarmantes para a educação parecem ter chamado a atenção do governo em relação ao ensino da língua nacional. Uma ação governamental já implementada há algum tempo foi a decisão de incluir as obras lexicográficas entre os materiais didáticos no contexto do planejamento do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) de 2002. Com essa medida, o PNLD, além de retomar o valor pedagógico de gramáticas e dicionários, propondo remodelá-los da forma mais próxima possível das situações e demandas do ensino e aprendizagem formais, também induziu à inclusão da consulta a dicionários como objeto de ensino e aprendizagem escolar. Em consequência disso, os dicionários receberam um valor nunca antes manifesto pelo governo brasileiro (RANGEL, 2011, p. 51).

Antes de 2001, não se dispunha de uma crítica lexicográfica sistemática no Brasil. A partir desse ano, o Ministério da Educação e Cultura (MEC), através do PNLD, selecionou os dicionários a serem adotados nas escolas de todo o país. Com isso, o mercado de produção de dicionários se expandiu em quantidade e qualidade, já que as editoras, supostamente, foram se adequando aos parâmetros estabelecidos pelo MEC: na avaliação do MEC de 2001, 23 dicionários foram denominados escolares, dos quais 11 minidicionários foram considerados impróprios por especialistas por serem incompletos. Em 2005, 51 dicionários foram considerados escolares (DAMIM ; PERUZZO, 2006, p. 95).

Na avaliação do MEC de 2005, o MEC expandiu os critérios usados, dividindo os dicionários em três tipos:

1. o Tipo 1 apresenta de 1.000 a 3.000 artigos léxicos e visa à familiarização do aluno com o mundo dos dicionários;
2. o Tipo 2 tem entre 3.000 e 10.000 artigos e é dirigido àqueles alunos que já foram alfabetizados;
3. o Tipo 3 tem de 19.000 a 35.000 artigos e se volta para alunos das últimas séries do Ensino Fundamental.

Esta nova realidade com relação aos dicionários compõe um quadro mais propício à melhoria da qualidade dessas obras. Esse processo de avaliação também é feito pelos vários pesquisadores engajados em Programas de Pós-graduação (Mestrado e Doutorado) preocupados com a análise dos vários tipos de dicionários escolares que circulam no mercado e nas escolas brasileiras.

1 A escolha da investigação, a metodologia do curso e seu conteúdo

A partir de discussões durante orientações de doutoramento e de leituras realizadas nesse momento de formação, entendeu-se que era preciso oferecer um curso de formação de professores para que atuassem de forma qualificada em sala de aula, especialmente na área da Lexicografia, que, como argumentamos antes, tem sido relegada a segundo plano no planejamento do professor, já que ele não está em situação de valorizar o universo de possibilidades que o uso de obras dicionarísticas é capaz de contemplar. Damim (2005, p. 31) ratifica essa realidade quando afirma que:

No cenário brasileiro, a Lexicografia [...] e a Metalexicografia [...] não são consideradas como disciplinas na maioria dos cursos de graduação. [...] é uma tarefa que ainda precisa ser desenvolvida, especialmente para que os professores possam realizar suas atividades didáticas mais bem capacitados a utilizar dicionários em sala de aula (DAMIM, 2005, p. 31).

Assim, preparou-se um curso de formação para professores do Ensino Fundamental, tendo em vista a lacuna que existe nesta área em nível nacional. O curso, no qual foram matriculados 24 professores, foi ministrado por uma das pesquisadoras que assina este artigo, foi presencial e totalizou 20 horas em dois dias consecutivos: 29/04 e 30/04/2011. Foi dirigido a professores do município de Garopaba/SC, realizando-se nas dependências da Escola Municipal de Ensino Fundamental Pinguirito. As aulas, expositivas e dialogadas, tiveram também uma parte prática para que houvesse participação e integração dos professores e para que visualizassem a aplicação das ideias discutidas em suas aulas.

Aplicando as orientações oferecidas no curso, os professores deveriam começar a usar o dicionário como instrumento de integração entre as disciplinas (História, Geografia, Sociologia, Filosofia, Matemática, Química, Física, Biologia, entre outras), já que todas se utilizam da língua como meio de interação entre os indivíduos e focam seu trabalho no uso efetivo/aperfeiçoamento da linguagem, veículo comum de transmissão dos conhecimentos.

Após uma apresentação do trabalho que seria realizado com os professores e a leitura do termo de consentimento livre e esclarecido a ser assinado pelos docentes, aplicou-se um questionário impresso (em anexo) com 22 questões, tendo por objetivo traçar o perfil dos professores presentes e levantar seus conhecimentos a respeito de dicionários. Desenvolveram-se quatro aulas no primeiro dia do curso (29/04), nos turnos vespertino e noturno. No segundo dia do curso (30/04/2011), foram dadas mais duas aulas aos professores durante o turno matutino.

Em seguida, iniciou-se a primeira aula teórica, que consistiu na discussão dos temas “O que é o dicionário”, “Clichês associados à obra e sua superação” e “Outros problemas associados ao dicionário”. A segunda aula foi sobre “Os pilares de nosso saber linguístico”, “Um pouco de história sobre os dicionários”, “Classificação dos dicionários”, “O dicionário nas escolas brasileiras” e “Tipos de dicionários”.

Depois dessas duas aulas, houve um trabalho prático, em grupos, para a observação, manuseio e análise de dicionários aprovados pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD/2006). Foram selecionados sete dicionários que contemplam os tipos 1, 2 e 3¹. Também foram distribuídas fichas do MEC/PNLD para avaliação dos três tipos de dicionários para que os professores se inteirassem sobre como foi realizada a seleção dos dicionários em 2006, além do Edital/2011 do MEC para distribuição de dicionários. Houve discussão em grupos e depois foi feita uma apresentação geral sobre as críticas e observações levantadas a partir da leitura desse material.

A terceira aula foi planejada para que os professores manuseassem, comparassem e analisassem tipos diferentes de dicionários, ao mesmo tempo em que as discussões teóricas se desenvolviam. Foram apresentados, formalmente, os três acervos de dicionários selecionados pelo MEC/2006 e, para finalizar esse momento, propôs-se uma parte prática em que os professores deveriam explorar a macro e a microestrutura dos dicionários, apresentando o assunto em forma de seminário.

A quarta aula foi preparada tendo como base o livro de Rangel e Bagno (2006), *Dicionários em sala de aula*. Discorreu-se sobre “Algumas maneiras de uso do dicionário em sala de aula”, “Reconhecendo o dicionário” e “Comparações de verbetes de dicionários distintos”. Na parte prática, continuaram-se as apresentações sobre as partes dos dicionários, explorando os verbetes e seus conteúdos.

A quinta aula foi sobre o “Potencial do uso do dicionário em sala de aula – instrumento para uma formação integral do educando”, “Estratégias e atividades específicas para o uso de dicionários escolares”, “Criatividade na consulta e no emprego do conhecimento adquirido”, “Ludicidade”, “Estratégias de fixação de palavras novas (memória de longa duração)”, “Desenvolvimento do léxico”. O componente prático dessa aula foi planejado com base na segunda parte do livro de Rangel e Bagno (2006) sobre “O dicionário na sala de aula: alguns modos de usar”. Os professores tiveram acesso a esse livro para que tivessem noções diferentes sobre como utilizar os dicionários em sala de aula.

Finalmente, na sexta aula, houve um planejamento de aulas voltadas para a aplicação do que foi visto no curso e a apresentação das mesmas em seminário. O curso foi finalizado com uma avaliação oral e escrita.

Na próxima seção, será descrito o perfil dos professores inquiridos durante o curso de formação e será traçado um recorte da realidade de uma parte das escolas municipais de Garopaba/SC, como forma de acompanhar as possibilidades desses professores frente à política disseminada pelo Governo Federal em relação à distribuição de dicionários escolares.

¹ Quanto aos títulos dos dicionários, foram escolhidos os seguintes:

1) *Aurelinho*: Dicionário Infantil Ilustrado da Língua Portuguesa. Editora Positivo (Tipo 1).

2) *Meu primeiro Dicionário Houaiss*. Objetiva (Tipo 1).

3) *Caldas Aulete Dicionário Escolar da Língua Portuguesa*: Ilustrado com a Turma do Sítio do Pica-Pau Amarelo. Nova Fronteira (Tipo 2).

4) *Dicionário Ilustrado de Português*. Ática (Tipo 2).

5) *Saraiva Júnior*: Dicionário da Língua Portuguesa Ilustrado. Saraiva (Tipo 2).

6) *Moderno Dicionário Escolar*. Moderna (Tipo 2).

7) *Dicionário Júnior da Língua Portuguesa*. FTD S/A (Tipo 3).

2 Perfil dos professores participantes da pesquisa: o que pensam sobre o dicionário

A seguir, apresenta-se o perfil de 18 professores (formação, esfera da escola e nível de ensino) que responderam ao questionário aplicado.

Tabela 1 – Perfil dos professores

Formação		Esfera da escola			Nível de ensino				
Graduação	Pós-Grad.	Municipal	Estadual	Estadual e privada	Fund.	Infantil e Fund.	Fund. e Médio	Ens Infantil Fund. e Médio	Não Especificado
8	10	15	2	1	10	4	2	1	1

(Fonte: Questionário escrito para coleta de dados dos professores)

Sobre a formação dos professores, apenas um professor que atua em escola pública estadual frequentou universidade pública. A experiência na atuação como docentes varia entre 3 anos e meio a 25. A maioria dos professores tem uma experiência significativa em sala de aula, ou seja, de 13 a 25 anos de magistério. Os professores de escolas estaduais têm um total de 300 a 450 alunos e trabalham com as disciplinas de Matemática, Ciências e Geografia. Já os professores de escolas municipais têm entre 10 e 56 alunos; este último número dividido em duas turmas.

A seguir analisamos a percepção dos professores sobre o uso do dicionário em sala de aula.

Uma das primeiras perguntas feitas a esses professores foi sobre a quantidade de dicionários que suas escolas possuíam. A resposta a essa questão variou de 10 a 100 unidades. Apenas uma professora da rede estadual respondeu que cada aluno dispunha de um exemplar; duas professoras municipais responderam que havia poucos e uma respondeu que não havia nenhum.

Quanto ao número de dicionários, os dados apresentados revelaram que apenas uma escola da rede pública estadual, entre três, recebeu um dicionário por aluno; nas municipais, a carência em número de dicionários se evidenciou. O Governo Federal, antes de 2006, através do PNLD, comprometeu-se a distribuir um dicionário para cada aluno da rede. Segundo Moraes e Xatara (2007, p. 18), até 2003, os dicionários distribuídos aos estudantes eram para uso pessoal (um para cada aluno) e, a partir de 2005, houve a distribuição de obras para usos em sala de aula (menos dicionários para serem usados em grupos). Parece que, pelo menos nas escolas representadas pelas professoras participantes do curso, este programa do governo não chegou a se concretizar.

Percebeu-se, segundo a descrição das professoras das redes públicas, uma carência significativa em número de dicionários: há escolas que possuem uma quantidade que varia de dez, quinze até, no máximo, vinte dicionários, conforme depoimento da maioria dos professores presentes ao curso e registrado nos questionários. Assim, o que se esperava em número significativo de dicionários nas escolas (um por aluno) traduziu-se em frustração e preocupação, pois não se registrou um número efetivo de dicionários para que se

trabalhasse com a obra em sala de aula, principalmente levando em consideração o número total de alunos das escolas que fica entre 50 e 259 alunos².

Quanto aos tipos de dicionários (1, 2 e 3), os professores não conheciam especialmente os do tipo 1 e 2, justamente aqueles destinados às séries iniciais até o quinto ano, ou seja, para crianças de 6 a 11 anos aproximadamente. Nas escolas municipais representadas pelos professores, havia apenas o tipo 3 e não havia diversidade, mas apenas minidicionários, especialmente os distribuídos antes da avaliação do MEC de 2006.

Os professores foram questionados sobre a frequência de utilização dos dicionários em sala de aula e a maioria das respostas, isto é, 16 em 18, foi: “às vezes, pouco, pouquíssimo, uma vez por semana, não muito, sem regularidade, de acordo com a necessidade, semanalmente, quinzenalmente, algumas vezes, muito pouco, raríssimas vezes”. Apenas um professor respondeu que usa os dicionários todos os dias em sala de aula, sem explicitar em que ocasiões. Os outros responderam que o utilizam “quando há palavras que a turma não conhece”, “quando aparecem dúvidas dos alunos”, “geralmente como tarefa de casa, com atividades desenvolvidas na sala de aula” e “se houver necessidade”, “sempre que se necessita confirmar o significado de uma palavra e a escrita” e “para alguns trabalhos elaborados pelo aluno”.

Um professor da rede estadual respondeu que quando trabalha em uma escola privada utiliza com mais frequência os dicionários, pois as obras ficam disponibilizadas na sala de aula. Essas respostas retratam a situação do dicionário no ensino brasileiro, que é de ser uma obra de referência, utilizada apenas esporadicamente para tirar dúvidas sobre o significado de uma palavra e sobre sua ortografia. Portanto, segundo a amostra de respostas coletadas junto aos professores que participaram do curso de formação sobre o uso de dicionários em sala de aula, as obras lexicográficas ainda são subutilizadas.

Em relação à pergunta sobre quem os ensinou a manusear o dicionário, apareceram as respostas: “o professor” com maior frequência (7); “os pais” ficaram em segundo lugar e expressões como “a vida escolar”, “ninguém”, “não lembro”, “manuseando-o”, “minha curiosidade”. A análise dessas respostas evidencia a importância dos professores como orientadores dos alunos na aprendizagem do uso do dicionário na escola, já que foi uma das figuras mais lembradas pelos professores entrevistados. Muitas vezes, as pessoas não têm condições de comprar um dicionário e, quando se deparam com a obra na escola, ela não é adequada à finalidade desejada. Às vezes, o próprio dicionário traz instruções sobre como usá-lo, ainda que de forma parcial. No entanto, as pessoas não estão acostumadas a ler tais instruções, que passam despercebidas na maioria das vezes. Assim, o professor, geralmente, parece ser quem apresenta o dicionário aos alunos. Na maior parte das vezes, a descoberta de uma obra lexicográfica se dá quando as pessoas começam a frequentar o ambiente escolar. É nesse meio, portanto, que elas poderão receber instruções sobre dicionários, mesmo que parciais, ou aprender a manuseá-los por sua própria conta e curiosidade, como os professores também responderam.

Em relação à distribuição de dicionários às escolas públicas e em que essa ação auxiliou na prática em sala de aula, houve diversas respostas positivas como as que destacamos abaixo:

“É mais um instrumento auxiliar para as atividades”.

“É uma ferramenta a mais”.

“É um suporte a mais para eu trabalhar com os alunos”.

² Números obtidos a partir de uma entrevista com o Secretário de Educação do município de Garopaba/SC.

“Auxiliou na quantidade para o uso dos alunos”.

“Considerando a grande dificuldade dos alunos, auxilia para a ampliação do vocabulário”.

“Facilitou o manuseio para alunos de baixa renda familiar”.

“Facilitou o acesso ao dicionário trabalhando de forma mais frequente com o dicionário”.

Essas respostas evidenciaram que os professores têm consciência de que o dicionário é uma ferramenta de consulta e trabalho em sala de aula e que habilidades voltadas à linguagem como a ampliação do léxico dos alunos podem ser melhoradas. Não obstante, em relação ao escasso uso detectado nas respostas anteriores, percebeu-se uma incerteza sobre a forma concreta de fazer o processo dar certo, qual(is) seria(m) a(s) metodologia(s) a seguir. Há uma esperança em relação à obra dicionarística, mas não se sabe como utilizá-la de forma efetiva para que as intenções deem certo e se tenham resultados melhores em relação, por exemplo, à ampliação vocabular dos alunos, entre outros objetivos de aprendizagem.

Ilari (1985, p. 42) salienta que o professor pode auxiliar seus alunos no uso do dicionário de forma metódica, encontrando, desse modo, soluções para seus problemas. O manuseio sistemático do dicionário permite ao consulente novas descobertas sobre a própria língua, sobre como usá-la em diferentes situações, sobre as relações que as palavras podem estabelecer em determinados contextos.

Outras respostas dos professores foram mais pessimistas e críticas como percebemos nos comentários abaixo:

“O dicionário que foi doado não tem uma qualidade muito boa, falta muita palavra nele”.

“[...] os livros foram doados aos alunos e os mesmos deixaram seus livros em casa”.

“Por usar pouco, auxiliou pouco!”.

Ao mesmo tempo em que foi feita a distribuição de recursos pelo Ministério da Educação e Cultura, houve uma conscientização da subutilização do dicionário, bem como da qualidade duvidosa de algumas obras lexicográficas. Surgiu o problema dos dicionários que não atendiam às necessidades dos usuários, não contemplando, muitas vezes, o léxico do mundo infantil; outras vezes, havia o problema das remissões e a falta de definições das palavras procuradas. Ainda ocorreu uma resposta que pode ser interpretada como uma dispensa do uso do dicionário por ser uma obra incômoda de transportar, além de pouco útil, que, por isso, permanecia em casa.

Todos os professores foram unânimes quando perguntados sobre a forma como selecionam os dicionários para suas aulas, respondendo que não havia escolhas e que utilizavam o acervo de que a escola dispunha, geralmente, os minidicionários que são mais fáceis de serem transportados. Trata-se, portanto, sempre do mesmo tipo de dicionário, que é o que existe nas escolas, e, muitas vezes, do mesmo autor. A variação ocorria apenas quando os alunos levavam os próprios dicionários, geralmente minidicionários. Esta resposta é surpreendente tendo em vista a enorme variedade de dicionários que se encontra no mercado editorial e surge todos os dias. Também contraria as determinações do MEC pelas quais, na distribuição de 2006, as escolas deveriam ter sido contempladas com, pelo menos, três tipos diferentes de dicionários.

Quando os docentes tiveram que citar o nome de um dicionário usado em sala de aula, surgiram nomes como “Minidicionário Aurélio”, “Minidicionário Ediouro”, “Aurélio Buarque de Holanda”, “Saraiva”, “Caldas Aulete”, “Minidicionário Luft”, “Michaelis”, “Aurelino” e até um “não lembro”. Os minidicionários afloraram na memória dos professores, porque, de fato, ocorre um uso maior dessas obras nas escolas, já que são os que chegam até elas e os que são mais leves para transportar. A ideia de que dicionário escolar é sinônimo de minidicionário está arraigada em nosso meio e pode ser comprovada através das respostas dos professores. Apesar de práticos e leves, os minidicionários não são os melhores, isso porque “[...] raramente as versões de dicionários sintéticas são elaboradas com critérios organizacionais definidos e coerentes” (KRIEGER, 2007, p. 300). Além disso, abrir as portas para que os aprendizes passem a consultar dicionários significa que é recomendável que o repertório lexical dessas obras contemple campos temáticos relacionados ao universo desses aprendizes, o que, muitas vezes, não ocorre nos dicionários do tipo mini.

Quanto aos defeitos que os dicionários apresentam, os professores mencionaram a falta de clareza nas definições para alunos que estão em processo de alfabetização, a falta de informações, de atualizações, de exemplos e de ilustrações que ajudem a compreender o significado. Também disseram que as obras não são atraentes e que as palavras coloquiais e as gírias não estão dicionarizadas. Além disso, registraram a falta de palavras e remissões excessivas. Por fim, citaram que há pouca variedade de obras.

Os professores quase não citaram qualidades para as obras. Sobre isso, as respostas foram sucintas e muitas ficaram em branco, apontando novas críticas como: “poucas qualidades, falta de verbetes coloridos, falta letra maior nos últimos dicionários recebidos, ilustrações, o livro poderia ser maior e com a atual correção ortográfica”. Um entrevistado até concluiu: “*não há qualidade no dicionário da escola*”.

A seguir, será contemplada a prática desenvolvida com os dicionários em sala de aula pelos professores entrevistados.

3 Os professores e os dicionários na prática em sala de aula

Os docentes foram questionados sobre as atividades realizadas no cotidiano escolar com o dicionário. Os professores foram breves em suas respostas. Parecia haver falta de motivação para comunicar o que faziam em sala de aula, pelo menos por escrito. As atividades foram descritas em três ou quatro palavras e apenas destacaram-se as que foram mais explicadas e criativas. Genericamente, responderam que faziam atividades de busca/fixação de palavras desconhecidas, pesquisa de significados, escrita correta das palavras e que programavam atividades com a ordem alfabética. Uma das atividades mais inusitadas foi a criação e confecção de um dicionário individual de Ciências. A cada bimestre, a professora passava vinte palavras do conteúdo que estava trabalhando, naquele momento, e os alunos buscavam o seu significado no dicionário. O objetivo do dicionário (espécie de glossário) era a familiarização com as palavras desconhecidas e a memorização, a longo prazo, de sua “escrita correta” (expressão utilizada pela professora). Outra atividade descrita foi “a brincadeira do dicionário”: cada aluno, na sua vez de falar, sugeria uma palavra e os demais escreviam o que achavam que ela significava. Depois, liam o que escreviam como resposta e, finalmente, procuravam-na no dicionário para saber o que significava.

Para incluir vocabulário novo, durante as aulas, os professores responderam que usavam estratégias de leituras de textos em áreas diferentes (Geografia, História, Ciências e Matemática). Também promoviam conversas, escrita de palavras, produção de textos coletivos entre professor e alunos, escrevendo juntos no quadro ou no caderno. Após lerem

um texto com palavras desconhecidas, os alunos compilavam o vocabulário desconhecido e procuravam em um dicionário pelo significado. Ademais, faziam a leitura de um texto com esclarecimentos orais do novo vocabulário feitos pelo professor. Finalmente, por meio de rodas de conversas, eram apresentadas palavras desconhecidas para despertar o interesse dos alunos. Em relação à fixação do novo vocabulário estudado em aula, uma das estratégias citadas foi a atividade com produções escritas de relatórios de saídas de campo. Outras estratégias mencionadas foram descrições de ilustrações, de gravuras (na oralidade e na escrita) e elaboração de resumos de livros, de palestras, de assuntos trabalhados em aula, além da atividade de imaginação de início de um texto para ser continuado.

Em relação às aulas de Português, também foram referidas histórias contadas, reescrita de livros, criação de notícias, elaboração de frases para cartazes, elaboração de questões, relatos de assuntos vistos, trabalho com conhecimentos trazidos pelos alunos do seu convívio familiar. Apenas um professor citou o dicionário como auxiliar na orientação de palavras desconhecidas, isso quando o texto não é do contexto social do aluno (realidade) e, quando necessário, para auxiliar na produção textual, cuja finalidade era a substituição de palavras com o mesmo significado. Não obstante, ainda não há uma visão geral dos professores voltada ao uso do dicionário em produções textuais, talvez pelo desconhecimento dos vários tipos de obras que existem e pela falta de dicionários disponíveis nas escolas para este fim. Dicionários que contemplam sinônimos, regência verbal e nominal, por exemplo, poderiam auxiliar em produção de texto.

Os professores opinaram sobre a percepção do incremento de vocabulário ou não, trabalhado em sala de aula nas produções escritas ou orais. Metade deles disse perceber que havia uma variação positiva no número de vocábulos quando trabalhados. A outra metade ficou em dúvida e disse que, às vezes, acontecia uma melhora na apropriação vocabular, ou seja, por vezes, alguns alunos se destacavam em suas produções textuais, empregando vocábulos estudados; outros não obtinham muito êxito. Os professores, no entanto, conseguiram ter uma percepção positiva sobre o aumento de vocabulário de seus alunos, fazendo disso um objetivo a ser alcançado durante as aulas. Também disseram que viam, com otimismo, a presença do dicionário em sala de aula e consideravam seu uso importante. Comentaram, ainda, que por não terem muitas orientações, usam o dicionário somente para consultar o significado das palavras e para orientar os alunos quanto à ordem alfabética. Eles têm consciência da importância dos dicionários no meio escolar para enriquecer o vocabulário com o uso de sinônimos, para escrever bem, para usar uma linguagem mais clara e objetiva, para aperfeiçoar a interpretação e a aprendizagem e para contribuir com o aumento de produções textuais. Também se posicionaram sobre a falta de orientação que eles tinham para o uso de obras lexicográficas no ambiente escolar e, especialmente, na sala de aula, bem como o desconhecimento que possuíam dessas obras, de sua constituição, de suas partes e de um possível trabalho integrador com diferentes áreas do saber utilizando os dicionários. Por um lado, percebeu-se uma atitude positiva em relação ao dicionário. Por outro, registrou-se uma apatia pela falta de visão integradora que as obras dicionarísticas poderiam proporcionar, provavelmente por não terem recebido formação e orientação sobre seu uso nas escolas.

Constatou-se, através das respostas dos professores, que o dicionário é uma ferramenta praticamente estranha no trabalho diário em sala de aula. Ele possui uma respeitabilidade, está geralmente nas bibliotecas escolares, mas poucas vezes na sala de aula e, menos ainda, sendo consultado. Também se percebeu um desconhecimento ou falta de consciência sobre o uso do dicionário integrado em todas as disciplinas, especialmente naquelas ministradas pelo mesmo professor, o que ocorre até o 5º ano geralmente. A utilização de dicionários nas várias disciplinas e com o mesmo professor poderia ser um

incentivo à aquisição de novos vocábulos, passíveis de serem utilizados em produções de textos.

Os professores sentem-se angustiados em relação a essa realidade de subemprego dos dicionários e deixam transparecer seu desejo de obter formação e orientação sobre seu uso adequado, como se percebe nos comentários que se destacam a seguir:

“É realmente pouco utilizado, gostaria de conhecer práticas novas do uso do dicionário. Sou alfabetizadora e pouco utilizei o dicionário a não ser para procurar palavras de forma coletiva, buscando ser leitora do significado de uma palavra desconhecida, lendo para os alunos”.

“Que me orientem a usá-lo adequadamente, com outro olhar voltado com detalhes para o dicionário”.

“Preciso aprimorar o uso”.

“Ainda não tive aprendizagem significativa para poder utilizar os dicionários de forma realmente produtiva”.

“Espero que esse curso contribua com minha prática... e me auxilie a usar o dicionário de maneira correta ou da melhor maneira possível”.

“Penso que os professores ainda necessitam de um maior entendimento sobre como usar e de que forma incluir o dicionário em suas aulas. Só dessa forma ele será usado de maneira certa”.

Nesse grupo de professores, percebeu-se uma abertura para as novas aprendizagens e um otimismo em relação ao uso do dicionário em sala de aula para melhorar os problemas apresentados pelos alunos, como falta de uso de sinônimos das palavras durante a escrita e falta de discernimento entre a grafia padrão e não padrão na forma escrita.

Finalmente, os professores fizeram uma avaliação do curso, manifestando reações positivas em relação às informações e às ideias nele discutidas. Em seguida, analisamos essas manifestações, contemplando algumas de suas respostas para ilustrar essa avaliação.

4 Avaliação do curso de formação de professores no uso do dicionário em sala de aula e resultados obtidos

De modo geral, os participantes gostaram da formação, principalmente porque representou novidade para eles. Seguem alguns de seus comentários:

“O curso sobre o uso de dicionários escolares em produções textuais veio esclarecer sobre as inúmeras possibilidades de aplicação dos dicionários em sala de aula, até então desconhecidas. A apresentação do dicionário aos alunos, a forma como deve ser manuseado, como ele é elaborado e organizado, tudo veio ampliar o reconhecimento da importância do uso e confecção de dicionários em sala de aula como recurso didático no sentido de melhorar o processo ensino-aprendizagem”.

“[...] tudo que aqui foi discutido, só teve a acrescentar, tanto no pessoal quanto no profissional”.

“A colocação e visão de um dicionário ampliou bastante. Desta data em diante fazer uso deste recurso será variado e distinto”.

“Gostei muito, foi diferente uma abordagem nova [...] muitas informações contidas no dicionário passavam batidas”.

“Aprendi a olhar para o dicionário de forma diferente e com certeza trabalharei com outro enfoque com meus alunos ao retornar para a sala de aula”.

“[...] um novo olhar ao material nasceu, que vem a contribuir e muito, na ampliação, aquisição e construção do aprendizado”.

“[...] conheci e identifiquei vários dicionários e aprendi coisas que jamais pensei que poderia usar no dicionário. Temos em mente que o dicionário é uso só da língua portuguesa”.

“Nossos encontros foram importantíssimos para a minha aprendizagem, pois já trabalhava com o uso do dicionário, mas de uma forma, ainda tradicional”.

“Consegui trocar ideias com o grupo, aprender técnicas novas, conhecer dicionários que ainda não tinha visto, aprender novas palavras como: lexicógrafo, obstaculizam, consulente”.

“[...] é difícil trabalhar dicionários sem noção e nestes encontros, tive essa noção que me será muito útil”.

Outro fato evidenciado com o depoimento dos professores diz respeito à falta de conhecimento de Lexicografia, das partes em que um dicionário se divide (como macro e microestrutura), do que contém o dicionário, do tratamento com as entradas como homônimos, fraseologismos e remissões. Até mesmo termos como “lexicógrafo” e “consulente” foram considerados novos pelos professores. Foi uma surpresa para eles saberem que existem páginas prefaciais, as quais explicam a quem o dicionário se destina e que descrevem a obra, esclarecendo o número de verbetes, além do universo de palavras contempladas. Em depoimento verbal, os professores disseram que não conheciam os prefácios dos dicionários, pois isso passava despercebido para eles ou afirmaram que não achavam importante ler essa parte. Também ficaram surpresos com sugestões de atividades que estavam nos dicionários apresentados, como no *Aurelinho dicionário infantil ilustrado da Língua Portuguesa*, e com a existência de tipos diferentes de dicionários (Tipos 1, 2 e 3).

Os professores foram receptivos às ideias tratadas e muito participativos na parte prática. Fizeram perguntas, críticas, trocaram ideias com seus colegas sobre o assunto. O curso serviu como uma espécie de “catarse” sobre práticas pedagógicas, política governamental, condições das escolas brasileiras, especialmente daquelas representadas naquele momento, que eram as municipais, sobretudo, e as estaduais. As comparações de verbetes dos dicionários foram momentos de descobertas do que os diversos dicionários proporcionam aos consulentes. Para finalizar o curso, os professores apresentaram um plano de aula em grupos que será descrito a seguir.

Os planos de aula tiveram em comum: a apresentação do dicionário e dos diferentes tipos existentes, a sua constituição, a diagramação, as cores, as gravuras, a avaliação do manuseio e do tipo de linguagem empregada, ou seja, a necessidade de apresentar a obra a fim de saber como utilizá-la em sala de aula. Outra ideia dos professores foi quanto ao planejamento de ensino no início do ano letivo das escolas, com uma abordagem multidisciplinar do dicionário, a qual seria usada durante todo o ano. A exposição permanente dos diferentes tipos de dicionários em sala de aula também foi proposta, bem como a mobilização dos que trabalham nela para conseguirem uma diversidade maior de dicionários, já que as escolas representadas no curso não dispunham de um acervo moderno, selecionado e diversificado. Vários professores perguntaram sobre o Programa Nacional do Livro Didático/Dicionários porque tinham interesse em conseguir os diferentes tipos de dicionários para suas escolas.

A produção de textos a partir da consulta a dicionários também foi sugerida, além da elaboração de relatórios coletivos sobre o trabalho com o dicionário e a exposição nas salas de aula do que havia sido realizado. Outra sugestão dizia respeito à proposição de um trabalho amplo que englobasse todas as turmas de uma escola, elegendo uma temática que seria trabalhada em campos semânticos de palavras, com o dicionário como ferramenta didática. Haveria a apresentação de textos individuais e coletivos ao final de um semestre ou ano letivo, bem como a organização de uma amostra do trabalho realizado com o dicionário e os resultados obtidos.

As sugestões dos professores pareceram atraentes, pensadas e repletas do desejo de transformar a realidade de quase abandono em que se encontram as obras lexicográficas nas escolas.

Considerações finais

Com base nos resultados coletados entre os membros do grupo de professores que participaram do curso de formação sobre o uso de dicionários em sala de aula, infere-se que ainda são subutilizados. A maioria dos professores não conhecia o acervo de dicionários selecionados pelo MEC, o qual deveria estar nas escolas. Na verdade, essas obras ainda não chegaram a todas as escolas. Há falta, principalmente, de tipos diferentes de dicionários e os já classificados pelo MEC/2006 para o trabalho com o Ensino Básico. No edital de licitação para compra de dicionários de 2011, foi anunciado que 10 milhões de dicionários com a nova ortografia seriam distribuídos para as escolas brasileiras, para alunos da Educação Básica da rede pública e isso atingiria um milhão de salas de aula. O custo previsto foi de 100 milhões de reais e seriam distribuídos dez dicionários por sala de aula. Resta saber se, de fato, chegaram às escolas, quando e de que forma foram utilizados.

Outro fato evidenciado por meio do depoimento dos professores diz respeito à falta de conhecimento de Lexicografia, pela ausência de formação na área. Assim, os professores não dispunham de elementos para avaliar os dicionários e explorarem seu uso em sala de aula. A oferta de cursos de formação a respeito do uso de dicionários, de alguma forma, pode incentivar para que haja mudanças na prática pedagógica. Também parece haver uma abertura dos professores para melhorar a sua atividade em sala de aula.

Outra constatação é que, segundo os professores entrevistados, a figura do professor se destaca pelo seu papel fundamental na condução dos aprendizes rumo à expansão dos conhecimentos relativos aos dicionários. É no meio escolar, portanto, que o aluno tem acesso maior ao dicionário e acaba por manuseá-lo de forma mais sistemática. Deste fato evidencia-se a importância de formar professores com orientação e conhecimentos na área da Lexicografia para que o dicionário tenha um lugar reservado na prática do dia a dia das salas de aula.

O professor não tem formação durante seu curso de graduação para lidar com o dicionário enquanto obra didática com suas especificidades linguísticas e tipográficas e que beneficia o processo de ensino-aprendizagem. É necessário, portanto que, ao lado da distribuição de dicionários se efetivem cursos de formação, oficinas aos professores na área da Lexicografia para que técnicas de leitura e uso de dicionários sejam otimizados nas redes públicas do país.

A inexistência de uma tradição escolar de uso sistemático de dicionários impediu que muitos professores, ainda que motivados, assumissem o desenvolvimento da proficiência em consulta a obras lexicográficas como um dos conteúdos necessários dos programas de ensino. Nos próprios PCNs, os dicionários não receberam um tratamento de valorização e trabalho, isto porque foram citados apenas como um apêndice do processo de ensino-aprendizagem. Ao mesmo tempo em que há um incentivo para a distribuição de

obras lexicográficas com mais qualidade no país, escrevem-se parâmetros de orientação educacional que não contemplam a particularidade do gênero dicionário.

É preciso, pois, despertar a consciência sobre o dicionário, destacando sua importância e o potencial do seu uso, inclusive entre equipes governamentais que escrevem sobre parâmetros curriculares nacionais. Também é preciso que professores e estudantes vejam essa obra como um instrumento com o qual possam travar experiências profícuas em todo o processo de ensino.

REFERÊNCIAS

AITCHISON, J. *Words in the Mind: An Introduction to the Mental Lexicon*. 3. ed. Oxford: Blackwell, 2003.

DAMIM, C. P. *Parâmetros para uma avaliação do dicionário escolar*, 2005. Dissertação (Mestrado em Letras). Programa de Pós-Graduação em Letras, UFRGS.

DAMIM, C. P.; PERUZZO M. S. Uma descrição dos dicionários escolares no Brasil. In: XATARA C.; HUMBLÉ P. (Org.). *Cadernos de tradução*. Tradução e lexicografia pedagógica. Florianópolis, v. 18, p. 93-113, 2006.

Edital de licitação para compra de dicionários 2011. Disponível em: <http://www.dihitt.com.br/mec-lanca-edital-de-licitacao-para-compra-de-10-milhoes-de-dicionarios>. Acesso em: 2 fev. 2011.

HARTMANN, R.R.K. *Teaching and Researching Lexicography*. Essex: Longman, 2001.

HARTMANN, R.R.K; JAMES, G. *Dictionary of Lexicography*. London/New York: Routledge, 1998.

ILARI, R. *A Linguística e o ensino da Língua Portuguesa*. São Paulo: Martins Fontes, 1985.

KRIEGER, M. da G. O dicionário de língua como potencial instrumento didático. In: ISQUERDO, A. N.; ALVES, I. M. (Org.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. Campo Grande: Ed. UFMS; São Paulo: Humanitas, 2007, v. III, p. 295-309.

MALDONADO, Concepción. *El uso del diccionario en el aula*. 2. ed. Madrid: Arco/Libros, 2008. (Cuadernos de Lengua Española, n. 53).

MORAES, A. C. de; XATARA, C. M. A utilização de dicionários de Língua Portuguesa em salas de aula do Ensino Fundamental. *Horizontes de Linguística Aplicada* (UnB), v. 6, no. 2, p. 15-32, 2007.

RANGEL, E. de O. Dicionários escolares e políticas públicas em educação: a relevância da “proposta lexicográfica”. In: CARVALHO, O. L. de S.; BAGNO, M. (Org.). *Dicionários escolares: políticas, formas & usos*. São Paulo: Parábola, 2011. p. 37-60.

RANGEL, E. de O.; BAGNO, M. *Dicionários em sala de aula*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria da Educação Básica, 2006. p. 19-21. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br>. Acesso em: 23 set. 2010.

Recebido em outubro de 2011.

Aprovado em novembro de 2012.

ANEXOS

Questionário dirigido aos professores em formação



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE SANTA CATARINA

<http://www.uel.br/portal/index.php?pagina=principal.php>



CURSO DE EXTENSÃO

Perfil dos professores para o curso sobre “O uso de dicionários escolares em produções textuais de alunos do Ensino Fundamental no contexto da sala de aula”.

Primeira parte do questionário

Perfil docente

- 1) Qual é o seu nome?
- 2) Qual é o seu grau de formação?
- 3) Qual é a sua área de formação? Em que Instituição se formou e ano de conclusão?
- 4) Quantos anos de Magistério você tem?
- 5) Qual é o nome da escola onde atua e onde se situa?
- 6) Quantos alunos você tem?
- 7) Em que série/ano atua ou já atuou?
- 8) A sua escola dispõe de dicionários voltados ao Ensino Fundamental? Em que quantidade aproximadamente?

Segunda parte do questionário

Percepção sobre o uso do dicionário em sala de aula.

- 1) Você utiliza o dicionário nas suas aulas ? Com que frequência?
- 2) Durante a sua vida escolar, quem lhe ensinou a manusear um dicionário?
- 3) O MEC doou dicionários às escolas públicas. Em que essa atitude auxiliou na sua prática em sala de aula?
- 4) De que forma (critério) seleciona o(s) dicionário(s) para as suas aulas ?
- 5) Qual é o nome do dicionário que você usa em sala de aula ? No caso de usar mais de um, lembra de seus nomes?
- 6) Que defeito(s) encontra nos dicionários que consulta? Ex : as definições não são claras, faltam informações (que tipo ?), faltam exemplos, ilustrações que ajudem a compreender o significado das palavras, é difícil encontrar o que busco (palavras, expressões idiomáticas, adequação do uso das palavras) entre outros.
- 7) Que qualidade(s) você percebe no(s) dicionário(s) que consulta?
- 8) Que atividades costuma realizar com o dicionário durante o cotidiano escolar? Descreva-as.
- 9) Quais atividades você costuma realizar para incluir vocabulário novo na(s) disciplina(s) em que trabalha?
- 10) De que forma você trabalha produção textual com seus alunos ?

- 11) Você percebe o incremento de vocabulário trabalhado em sala de aula nas produções escritas ou orais de seus alunos?
- 12) Na sua percepção, há como integrar o dicionário na produção escrita de seus alunos? Explique.
- 13) Através da sua experiência no Magistério, dê a sua opinião sobre o uso do dicionário em sala de aula. Argumente.
- 14) Quais são suas expectativas em relação ao curso sobre o uso de dicionários em sala de aula (o que espera)?